

MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE CANANÉIA (XI).

(Continuação).

ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA
da Sociedade de Estudos Históricos.

CAPÍTULO XXXIV.

MEMÓRIAS MEMORÁVEIS.

Quando, há muitos anos, resolvemos reunir documentos para a História da antiga Vila de São João Batista de Cananéia, um dos nossos principais objetivos era então a descoberta do Livro do Tombo da histórica cidade que, como temos repetido por várias vêzes, foi a primeira povoação civilizada erecta ao sul do Brasil.

Infelizmente, porém, apesar de longas e pacientes pesquisas, bem pouco se nos apresentavam os resultados colhidos, uma vez que os arquivos da Câmara e da Igreja Matriz de Cananéia quase nada mais possuíam de interessante, achando-se, o que ainda ali restava, recolhido a caixões, em cômodos escuros, sem ar sem luz, entregues à ação destruidora das traças e do tempo.

Daí a necessidade que tivemos de proceder a pesquisas de outras naturezas, recorrendo principalmente ao testemunho de pessoas antigas, uma vez que sôbre o desaparecimento daquele importante manancial de nossa História, cujas narrativas nos vinham sendo transmitidas por tradição oral, corriam as mais variadas versões, chegando-se a acusar um antigo vigário da paróquia de o haver levado para o Paraná, ao retirar-se de Cananéia.

A verdade era que, não só A. Vieira dos Santos, autor da *Memória Histórica de Paranaguá*, como outros, em tempos idos haviam compulsado o valioso manuscrito, do qual se conheciam raros capítulos.

O dr. Ermelino A. de Leão, oferecendo a Benedito Calixto, para o seu trabalho *Capitania de Itanhaen*, alguns apontamentos sôbre Cananéia, comentava:

“E’ para lamentar, si a Câmara de Cananéia não conservar em seu arquivo o livro de *Memórias* que Vieira dos Santos tão pacientemente manuseiou, respingando dados para a sua grande obra. Poderemos terminar aqui, apelando para o douto Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, para que acolha na sua brilhante revista, divulgando-as, as *Memórias da Câmara de Cananéia*, salvando-as do abandono que até hoje têm sofrido, se ainda as traças e a incúria dos homens conservarem entre os alfarrábios da antiga Vila, êste curioso monumento do nosso brilhante passado”.

*

Prosseguindo em nossas investigações e certos de que um velho amigo, o sr. José Lopes, tabelião de notas na cidade de Iguape e já falecido, conhecia algo sôbre o assunto, fomos procurá-lo, sendo informados do seguinte:

“Que casualmente lera o importante trabalho, por ocasião de uma das tradicionais romarias à aquela cidade, onde travara relações com um visitante, que lho mostrara, adiantando-lhe ter pertencido a um antigo vigário de Cananéia, que o havia levado para o Paraná, legando-o por sua morte, a uma sobrinha que morava em sua companhia. Esta, mais tarde entregou-o a sua filha, com quem êle se casara passando assim a pertencer-lhes”.

Essa a primeira versão.

Ao mesmo tempo, entretanto, continuando nossas pesquisas no desmantelado arquivo da Câmara, encontrávamos parte de um nôvo livro de registro, em que faltavam as fôlhas de n.º 1 até 35, restandô unicamente as de 36 a 96, ainda em branco.

Nesta última, destinada ao têrmo de encerramento, lia-se o seguinte:

“Tem este livro de *Memorias e Novidade da Camara*, 60 folhas de papel desde fls. 36 em thé 96, que importa o real sello de dez reis e 1.200, a conta de seis sentos reis, o qual ficão carregados ao thezoureiro delles.

O Escrivão do sello, Lisbôa Junior.
São 1.200

Mattos”.

Por êsse têrmo verificamos possuir o referido livro apenas 60 fôlhas que, numeradas de 36 em diante, atingiam a 96, o que é confirmado pelo pagamento do sêlo. Entretanto, no verso da mesma página vinha o seguinte têrmo de encerramento:

“Tem este livro noventa e seis folhas, qe. todas vão numeradas e rubricadas por mim e com a ma. rubrica costumada de Rendon, de que para constar fiz este termo de enseram.to.

Cananéia 2 de Julho de 1787.
Francisco Leandro de Toledo Rendon”.

A conclusão lógica que tiramos da leitura dêste último termo é que realmente o livro em questão continha noventa e seis fôlhas e não sessenta, tendo sido arrancadas as anteriores, antes do pagamento do sêlo.

Tratava-se, pois, de um segundo livro de *Memórias Memoráveis*, título êsse com que foi escrito o livro anterior, de que falaremos adiante e que aberto alguns anos antes, fôra encerrado em 1787, como consta do termo de encerramento e de um atestado passado pela própria Câmara, confirmando a verdade das notícias nêle registradas.

A verdade, portanto, é a seguinte:

Dois eram os livros de *Memórias da Câmara da Vila de Cananéia*: o primeiro, iniciado por força da Provisão Régia, de 20 de julho de 1782, contendo a narrativa dos fatos mais importantes desde a criação da Vila até o ano de 1787, quando ficou encerrado, — e o segundo, aberto nesse mesmo ano de 1787, em continuação, e nô qual haviam sido registradas tôdas as “novidades”, até o ano de 1828, quando terminou, sendo que estas últimas memórias constariam das trinta e cinco fôlhas arrancadas por mãos criminosas.

Entretanto, qual teria sido o fim dado ao original do primeiro livro?

Foi o que nos explicou o venerando serventuário de Cananéia, Sr. João Gonçalves de Araújo, falecido há cêrca de vinte anos.

Disse-nos o velho amigo que no intuito de atender a um pedido do dr. Filadelfo de Castro, que se interessava por qualquer documento relativo à fundação de Cananéia, tivera oportunidade de examinar o arquivo Municipal, sendo então surpreendido com a descoberta de diversas fôlhas avulsas, contendo interessantes informes sôbre casos acontecidos na antiga vila.

Certo de sua importância, reuniu-as, de acôrdo com a numeração constante de cada uma, percebendo tratar-se de um valioso manuscrito, que procurou restaurar e encadernar sofrivelmente, conservando-o em seu cartório durante cinco anos.

Era o Livro do Tombo!

Sabedor do precioso achado, e interessando-se por assuntos históricos, o sr. João Moraes Pereira Gomes, administrador da Mesa de Rendas daquela vila e que mais tarde transferiu residência com sua família para Paranaguá, tomou-o por empréstimo, tirando-lhe uma cópia autêntica, que foi sem dúvida o volume encontrado mais tarde no Paraná e do qual outras cópias também foram extraídas.

No ano de 1882, saindo à luz os primeiros números da *Gazeta de Cananéia*, o primeiro jornal da histórica cidade, resolveu o Sr. João de Araújo inserir em suas colunas as referidas *Memórias* confiando o livro ao redator do modesto periódico, que iniciou sua divulgação no mês de agôsto daquele ano, do que resultara, ao que se dizia, sua requisição por parte do govêrno provincial, não se preocupando os camaristas com a conservação de uma cópia para o arquivo municipal.

A verdade, porém, foi-nos revelada em sua plenitude pelo semanário *Bouquet de Flôres*, que se publicou em Cananéia no ano de 1888.

Foi êsse jornalzinho literário e noticioso, de vida efêmera, que em meio às densas trevas lançou um luminoso raio de luz, dissipando tôdas as dúvidas que pairavam sôbre o fato.

Foi rebuscando os diversos exemplares dos diferentes semanários publicados em Cananéia, e que constituem apreciável fonte para a sua História, que deparamos com a seguinte notícia publicada por aquêle periódico:

CAMARA MUNICIPAL.

Acta da 6ª Sessão Ordinaria
22 de Abril de 1888

Presidencia do sr. Lisbôa.

Na paço da Camara Municipal, achando-se presentes so srs. vereadores Lisbôa, Campos, José Alves e Pontes, sendo numero legal foi aberta a sessão, depois de lida e aprovada a acta antecedente.

Faltaram com participação, o sr. Valle e sem ella os srs. Ribeiro e José Simões.

EXPEDIENTE

“Officiou-se ao exmo. sr. dr. presidente da provincia, comunicando ter a Camara remettido diversos documentos que encontrou em seu arquivo, á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, que entende pode auxiliar aquella patriotica sociedade”.

“Officiou-se à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, remetendo 3 volumes que encontrou no arquivo desta Camara e que ella entende podem auxiliar a mesma Sociedade, inclusive um manuscrito onde se encontra a noticia de muitos casos dos tempos immemoriaes acontecidos nesta Villa”.

Por aí se vê que além do livro de *Memórias*, encontrado pelo saudoso serventuário de Cananéia, mais três volumes foram remetidos naquella ocasião para a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Como já dissemos, do próprio original foi extraída uma cópia autêntica, pelo Administrador das Rendas, Sr. João Moraes, que foi editor do *Bouquet de Flôres*, e mais tarde transferiu-se para o Paraná. Da referida cópia, ao que nos informaram teriam sido extraídas outras, pois é sabido que, por falecimento do sr. Moraes, o seu filho, Otávio, procurando vender aquela, confiou-a por diversas vêzes a várias pessoas, que naturalmente se valeram da oportunidade para êsse fim, e uma das quais foi entregue pelo sr. Joaquim Mariano Ferreira, residente em Paranaguá, ao historiador paranaense Francisco Negrão, que teve a gentileza de oferecer-nos em 1927.

De sua veracidade não se pode duvidar, pois que, cotejando-a com a publicação feita pela *Gazeta de Cananéia* em 1882, tivemos ocasião de verificar a mais perfeita e rigorosa exatidão.

Por êsse motivo resolvemos valer-nos dêsse precioso manuscrito extraindo-lhe tôdas as referências relativas aos períodos de 1767 a 1774 e de 1790 a 1811 quando terminou.

Abre-a o copista com a seguinte explicação: — “Notas tiradas do Livro do Tombo de Cananéia” e, a seguir, trata da fundação da vila, dizendo ser mais antiga que as de Paranaguá e Iguape. Procura fazer o histórico, aliás preciso, dos fatos anteriores, desde o princípio da povoação, tirados de um livro da Igreja, referindo-se ainda à morte de um religioso franciscano, à descoberta das minas de ouro no ribeiro da serra do Cadeado e o seu abandôno. E’ a única notícia que, como dissemos, vem resumida na cópia em apêço, o que não prejudica o trabalho, uma vez que o mesmo foi publicado na íntegra, pela *Gazeta de Cananéia*, de que o velho notário conservou os raros exemplares que continham as *Memórias* e graças aos quais podemos reproduzi-las, fazendo reviver do olvido essas páginas interessantes.

A publicação constante da *Gazeta de Cananéia*, trazia o título de *Chronologia Cananeense*, e o sub-título de *Memórias Memoráveis*. Logo depois da publicação feita pela *Gazeta*, isto é, no ano de 1883, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, sob o título *Descrição primeira em a qual se tratam os casos memoráveis acontecidos n’esta villa de Cananéia, desde sua criação até 31 de dezembro de 1787*, publicava também uma resenha geral dos mesmos, o que leva a crer que o primeiro livro, remetido à Sociedade de Geografia, de qualquer maneira que ignoramos, devia ter ido parar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Assim historiada a existência e dualidade ou pluralidade dos livros de *Memórias da Câmara da vila de São João Batista de Cananéia*, o seu desaparecimento, o encôntro do segundo tomo com as primeiras fôlhas retiradas e o cotêjo final que conseguimos realizar, — apresentamos aos leitores tôdas as *Memórias* que conseguimos

achar, conservando na íntegra a mesma ortografia e acompanhando-as de algumas notas elucidativas.

DESCRIÇÃO PRIMEIRA
EM QUE SE TRATAM OS CASOS MEMORAVEIS
ACONTECIDOS
N'ESTA VILLA DE CANANÉA, DESDE SUA CREAÇÃO
ATÉ
31 DE DEZEMBRO DE 1787 (165).

Não sendo impossivel repetir cazos acontecidos, se faz dificultozo retratar successos já sepultados no esquecimento da lembrança. Não pode a diligencia de um rustico sem arte levantar estatuas, que bem representem as similhanças divinas. Não pôde o retrato ser bem similhante ao retratado, quando, longe do aspecto, só por noticia foi assim debuxado. Porém, como a obrigação é mais poderosa que a propria vontade, esta obriga a um sem arte repetir acontecimentos contados e não vistos, tirados da sepultura dos mortos para a prezença dos vivos, trazidos do esquecimento do passado, para lembrança dos vindouros.

Quem ha que diga que desde o tempo da criação d'esta villa até o presente não acontecerão cazos dignos de lembrança? Argumento certo é, que estes assim ficarão esquecidos, ou por negligencia dos primeiros habitantes que os não estamparão nas suas escrituras porque a elles faltou uma propria, ou mandada advertencia, ou porque entre elles desde aqueles primeiros annos da sua criação até hoje, não houvesse escritor algum que tomando esta empreza como curiozo historiador, mostrando por descrição tudo quanto hoje ou por curiozidade ou por mandado, pode ser procurado a respeito da criação ou continuação d'esta villa, e dos cazos nella acontecidos.

Esta tão curioza noticia, como importante e necessaria, se faz hoje resurgida do antigo letargo que a oprimia, tornando assim para a nova lembrança só por força do imperiozo assenso da Rainha, nossa Senhora, Dona Maria Primeira, que por seu decreto mandou a diligencia d'esta inquirição e descrição.

Para esta execução que teve principio em 9 de julho do sobredito ano na correição do zelozo ministro e nosso corregedor o Doutor Francisco Leandro de Toledo Rendon, natural da cidade capital de São Paulo, eu Luiz Antonio de Freitas, natural d'esta villa de Cananea e por bem da ordenação da Magestade e confirmação do dito seu ministro, vereador mais moço e por isso o terceiro d'esta camara, a quem assim pela dita obrigação, como por recommendação do dito ministro foi recommendada a dita diligencia e não achando suprimimento algum de escrita por minha inquirição e por isso rastejando poucas, e quasi extintas tradições de noticiosos velhos, fui ter até o dito principio, onde oprimida da mesma idade, se achava sem forças para sahir a publico aquella verdade, que verdade, que hoje se requer a respeito da criação e continuação d'esta villa e dos seus acontecidos cazos.

(165). — Os casos acontecidos até essa data foram registrados no Livro 1º, passando os dessa data em diante para o livro 2º.

A qual verdade resurgindo mais por força das minhas instancias do que por propria vontade, do mesmo modo em que se acha, e sem ornato algum, sae e marcha, apresentando-se na seguinte forma, mais para a obediencia, do que para a complacencia.

A primeira noticia, que n'esta descripção deve entrar, como a fundamental d'esta villa, é a mesma fundação d'ella, a qual dizem é mais antiga do que as duas vizinhas villas de Iguape e Paranaguá, e que teve seu principio no anno mais ou menos de 1587, da qual idade se colhe ter esta até o presente 200 annos de creação. Assim testemunhão um assento declaratorio, que se acha em um dos livros da igreja matriz d'esta villa, e uma confirmação de carta da sesmaria passada no anno de 1618, em correição de um ministro corregedor enviado do conde donatario da villa de São Vicente, que então era cabeça de comarca, a qual carta se acha em poder do capitão-mor d'esta villa Leandro de Freitas Sobral.

N'esta numerada idade de 200 anos ate este tempo tenho achado, que muitos annos, que comprehendem o dito numero, não deixaram de si lembrança de fito algum memoravel: esta seja a cauza bastante para os deixar no mesmo silencio; e somente repetirei aqueles que, tendo perdido o seu curso, não perderão sua lembrança por cauza de acontecimentos.

Não consta certeza alguma a respeito de seu primeiro explorador, porem por estimação se julga, que do sobrenome do dito, qualquer que ele foi, tomou esta Villa o nome de Cananéa.

Este logar até então não foi habitado de outra nação nem ainda dos naturaes gentios.

Assim se julga porque n'elle se não achão vestigios alguns que mostrem habitação primeira e diferente da nossa; para testemunha d'esta estimada verdade se acha presente uma cruz feita de pedra e cravada na fenda de outra pedra, que está sobranceira ao mar, de um pontal tambem de pedras que está da parte do vento sul da barra d'esta villa: quem esta cruz levantou não se sabe, nem por escrita, porque n'ella não ha alguma, nem por noticia, por que não ha quem a possa dar (166).

A respeito do fundador d'esta villa achei alguns, que dizem que ainda alcançarão, e virão n'esta igreja matriz uma campa de madeira, e n'ella esculpido o epitafio seguinte:

"Sepultura do capitão Tristão de Oliveira Lobo, por mercê da Magestade, fundador e director regente d'esta villa de Cananéa". Porém não acordão na lembrança da idade n'ella assinada, e disserão mais ter ouvido, que elle era natural de Portugal (167).

Conta-se, que era esta habitada de poucos e pobres moradores parte naturaes d'este Brazil, e parte vindouros das ilhas dos Açores. Não se sabe, si

(166). — Trata-se do "marco" de pedra, simbolo da posse por parte da corôa portuguesa, e no qual se vê esculpida a cruz de Cristo. Ladada por seus dois tenentes, havia sido chantado sobre alto penedo na Ponta de Itacuruçá e dali transferido para o Instituto Histórico Brasileiro, com um dos tenentes, sendo o outro, que havia rolado para o mar, por nós retirado e entregue ao Museu do Estado.

(167). — Na relação dos autos e mais papéis queimados em 9 de setembro do ano de 1751, por determinação do dr. Ouvidor Geral Antônio Pires da Silva Melo Porto Carreiro, consta o inventário de Tristão de Oliveira, possivelmente o mesmo fundador da vila.

foram povoadores voluntarios, ou obrigados; o que consta é, que entre elles não houverão facinorozos, que por taes fossem determinados para este lugar.

A sua fama mais publica é, que erão mui amantes da paz; que guardavão a costumada obediencia; que erão prontos aos seus supremos mandados; que, por cuja concordia entre elles tão venerada, vivião izentos da vingança e castigo da justiça; que erão pobres de pozições, e por isso não erão participantes da affluencia de dinheiro, porem erão riquissimos da muita abundancia, que este lugar então lhes oferecia do seu mar os peixes, e dos seus matos as caças que lhes não faltavão o seu necessario, porque cultivando a terra com suas lavouras, é exercitando o mar em suas pescarias, assim bem se sustentavão, e dos seus sobros negociavão; cujo negocio fazião elles com alguma embarcação que por cauza dos ditos generos aqui lhes vinha oferecer assim dinheiro, como também outros generos a elles necessarios.

Não erão frequentados de amiudação commercio, parecião mais deixados, e esquecidos do que lembrados; porque n'este tempo não davão de si interesses de mercancia; porem assim mesmo vivião fartos no seu bastante, e descansados no seu descanso.

D'aqueles primeiros annos da creação d'esta villa sae a lembrança da infausta morte de um religioso franciscano, que estava servindo de paroco; do seu nome não ha certeza; conta-se que tendo-se recolhido de noite a dormir, e deitando-se na sua cama, assim ateou seu profundo sono, ou estava amortecido da algum sintoma; e que acordando dera vozes pedindo socorro; a cujas acudindo poucos vizinhos que se achavão na povoação arrombarão a porta da caza e o livrarão do incendio e não da morte, que por esta causa lhe sobreveio no terceiro dia.

Depois de 50 annos mais ou menos da creação d'esta villa, que já contava o anno de 1637, se descobrio no certão da sua terra firme minas de ouro em aquelles dois reibirões que hoje vulgarmente se apelidão Cadiado e Cintra. O cadiado, dizem assim se intitula porque forão achados n'elle duas folhetas de ouro em tal forma que ambas faziam a semelhança de um cadeado. O Cintra, assim se apelida tendo tomado o nome do sobrenome do seu descobridor, que se chamada Francisco Cintra de cuja naturalidade não ha certeza.

Das quaes minas não uzarão n'aquelle tempo aqueles habitadores ou por falta de cubiça ou de intelligencia, ou porque as suas lavouras lhes erão de mais conveniencia que o proprio ouro, o qual não tinha o estimado preço que hoje tem, porque então se vendia cada oitava por preço de oito tostões. E por esta cauza estiverão ellas muitos annos dezertas e perdidas do conhecimento de todos, e só erão certas por suas noticias.

Do ano de 1684.

Sae a memoria de um bispo, cujo nome era D. José de Barros de Alarcão.

E que este vindo de visita por esta marinha, ligeiramente, sem mais ostentação, que a companhia de dois criados, visitou esta igreja matriz e nella crismou aos freguezes (168).

Do anno de 1686.

Sae a noticia de huma pestia tão activa e mortifera que não dando tempo para experimentar remedios, repentinamente matava. Sua cauza erão dores do es-

tomago; esta deo fim a familias inteiras n'esta povoação. A esta pestia derão o nome de — pestia da bixa. — porque dado os enfermos a bebida de conziamento da erva chamada — do Bixo, — acontece alguns casos em vomitos ou em vacuação, lançarem um bixo cabelludo de grandeza e semelhança de lagartas de ortas os ques enfermos nem ainda assim escapavão todos da morte.

Do anno de 1691.

Sae a noticia de uma lanxa de um bertantim da nação Franceza, ou seria de piratas.

Diz a noticia que tendo o dito bergantim ficado na ilha da barra desta Villa (Bom Abrigo), vieram na dita lanxa uns homens tão desconhecidos como não entendido na linguagem; e que por elles fallando um, que dizia ser portuguez, dise que aquelles eram francezes, que navegavam para suas Indias, e que vieram a este porto em procura de refresco.

E na verdade aqui compravam mantimentos, pagando-os com panno de linho e de Bertanha, cuja medida era uma braça estimada por vara, e de fazenda de cores, um braço por covado.

Aqui estiveram tres dias.

Nas suas comidas e bebidas não eram mesquinhos: convidavam para ellas a estes naturaes, mostrando caricias a todos e levaram saccos de fructas de limão, dizendo que era para temperos de bebidas.

Do anno de 1709.

Se a profeçia de um Indio já velho, natural do Sertão porem domestico e Catholico, profetisando a factura de uma nau.

Contáse que este, como agourando, muitas vezes dizia:

Hua Nau se fará
E nella Sinos se tangerão.
Missa cantada haverá
Que muitas gentes houvirão.

E que neste seu dizer mostrava o lugar que havia de servir de estaleiro: dizendo mais que os mestres para ella havião de vir do Rio de Janeiro. E assimmais, apontando para o monte fronteiro ao seu prognosticado estaleiro o qual vulgarmente se appellida — Monte do Itapetanguy — isto é, monte de pedraria, — dizia:

“O' tú; cabeça de pedra, barriga de ouro, tempo virá,
que por teu ouro destripdo serás”.

(168). — D. José de Barros Alarcão foi nomeado Bispo do Rio de Janeiro em substituição a frei Manuel Pereira, e tomou posse do cargo em dezembro de 1681, por seu procurador, o licenciado Sebastião Barreto Brito, vigário da Candelária, governando a sua Diocese pelo espaço de quase 18 anos. Faleceu no Rio de Janeiro a 5 de abril de 1700, contando 66 anos, sendo sepultado na Igreja de São Bento, de onde mais tarde foram os seus restos mortais transportados para a igreja de Santa Iria, em Sacavém, termo de Lisboa.

Do anno de 1711.

Sae a certeza da proprecia da nau.

Este foi o anno em que chegaram os constructores para a dita nau sendo vindo do Rio de Janeiro.

Seu estaleiro foi o mesmo prophetisado lugar, o qual ainda hoje se appellida — Estaleiro da nau (169).

Juntaram-se os jornaleiros para o serviço e trabalho della. Trabalhou-se na sua construção um anno. Havia pagamento na semana, com dinheiro e fazendas.

Não houve naquelle ajuntamento infelicidade mais sentida do que morrerem afogados o contra-meste do aparelho e o piloto, que passavam de passagem da terra firme para a sua banda, na conducção de seus mastaréus.

Esta, julgo, foi a primeira obra aqui fabricada.

Acabou-se a nau. Repicaramse os sinos. Celebrou-se a missa.

Lançou-se ao mar com felicidade e com ella se navegou até Lisboa, onde naquella Corte por sua naturalidade teve o nome de “Nau Cananéa”.

Então se admirou tanto o dizer daquelle gentio, que até hoje, com a esperança de mais se conserva por tradição.

Do anno de 1714.

Sae a memoria o milagroso successo do naufragio do revdo. João Eyró.

Estando esta egreja vaga de parochio, lançou o mar de suas ondas nas praias do norte da barra desta villa (170) o reverendo padre João Eyró, clero secular e natural da villa de Chaves.

Passava este naquelle tempo, passageiro da cidade da Bahia, para a praça da Colonia, e por causa dos ventos, ou ignorancia do piloto, inclinando-se a embarcação aos mares desta costa e cavalgando de noite sobre os baixo do dito pontal, na estimação de uma legua, ahí teve naufragio, do qual escaparam elle e um religioso franciscano e dum companheiro da dita embarcação; o religioso em uma táboa e o dito sacerdote e o companheiro da Sumáca montados sobre um tombadilho, nadando toda a noite e cantando a ladainha de Nossa Senhora amanheceram encostados na praia deste pontal, terra por elles desconhecida, e por isso julgada deserta ou habitada de gentios.

Temerosos elles deste seu cuidado, foram logo colhidos, e bem tratados de um honrado morador do dito pontal, chamado este Antonio do Amaral Vasconcellos, natural de Portugal.

Em gratificação de cuja hospedagem, casou-se o secular naquella familia; e o revdo. reconhecendo a sua vida obrigada ao milagre do Santo Padroeiro desta

(169). — O Estaleiro da Nau fica situado na parte occidental da ilha de Cananéia, proximo à baía de Trapandé, defronte da serra do Itapitangui e mar do Cubatão. Suas ruínas ainda podem ser apreciadas, pois além dos pilares da antiga construção, notam-se os vestigios da carreira, descendo para o mar e que ficam à vista, por ocasião das marés de agosto.

(170). — Praia de Fora na Ilha Comprida.

Villa lhe tributou obdiencia de vigario de sua igreja. Isto conta o mesmo reverendo, que na verdade aqui morreu de muitos anos collados (171).

Do anno de 1725.

Sae a repetição das desertas minas de ouro desta Villa.

A estas quase que perdidias minas tornou a descobrir o Sargento-mór Antonio de Freitas Sobral, natural desta mesma Villa, tendo então voltado instruido mineiro das Minas Geraes.

O seu guia como noticioso dellas foi um tal Manoel da Motta tambem natural desta Villa.

E nestas minas, não so o dito Sargento-Mór, mas também outros mineiros, exercitaram a extrahção do seu ouro por muitos annos (172).

Do anno de 1730.

Sae a prophacia de um peregrino passageiro. Conta-se que este era portuguez, porem que não dizia a sua naturalidade; que era homem de boa idade e de vida exemplar no quantomostrava; de seu nome não ha certeza; seus ditos eram allegoricos e cheios de enigmas. Este muitas vezes olhando para o nosso monte Itapitanguy, como prognosticano, dizia o seguinte:

Fronteiro ao Collegio está São Bento e debaixo das escadarias do Collegio estão setecentos mil quintaes de ouro, que no vindouro, por este poco repartidos serão.

Dizia mais: Oh! monte, e grande monte! de teu centro sendo minado, sahirá de ouro outro monte: ao teu ouro grande fome adiantará, e nella por 7 annos estendida pouco de vida haverá.

Teu descobridor um João, pobre será. Ai delle que por premio morte terá.

Conta-se mais que este desaparecendo desta Villa fora surgir na praça de Santa Catharina, onde na dita praça, attribuido vadio foi obrigado ao trabalho de uma fortaleza, e que alli em um manhã fora achado morto com os joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao alto (173).

- (171). — Parece haver engano quanto à data, pois da "Relação das Igrejas colladas" enviada pelo Procurador da Fazenda Real, José Onorio de Valadares e Alboym, a D. Luís Antônio de Souza, consta: "A Igreja Matriz da Villa de Cananéa tem vigario collado q. hé o rdo. P. João de Eyró, por carta de Apresentação de S. Mage. de 17 de 9bro. de 1734, registrada nesta Provedoria, com a qual tem continuado a exercer a sua occupação até o presente". Faleceu em Cananéa, em 1776.
- (172). — Segundo V. dos Santos, foi seu descobridor Luís Lopes de Carvalho, em 1667, quando administrador das minas de Itanhaem e São Vicente. Encontradas novamente pelo Sargento-mór Leandro de Freitas Sobral e por éle exploradas até o anno de 1759, eram já conhecidas desde o século XVII.
- (173). — Em seu livro *Notas para a História Catarinense*, à página 208, diz o Capitão-tenente Lucas Alexandre Boiteaux, referindo-se às fortificações da ilha pelo governador José da Silva Paes: "Em agôsto do ano seguinte (1740) começou os muros do forte de São José da Ponta Grossa, na ilha, e logo em seguida os do forte de Santo Antônio, na ilha do Raton Grande. Por êsse tempo appareceu na vila do Desterro um suposto peregrino, idoso, falando por allegorias, indo de Cananéa. Atribuido vadio,

Nas derrotas deste dito monte, sendo eu rapaz acompanhei a meu pae o sargento-Mór Antonio de Freitas Sobral, que por duas vezes seguiu o dito prognostico de ouro, procurando sua fortuna; porem entrando assim rico dos taes prognosticos, sahio pobre do prognostico (174).

Do anno de 1733.

Sahe a memoria a apparição de hum monstro marinho.

Este monstro primeiramente foi visto por vezes ao calor do Sol em hua praia do mar Occidental desta Villa; e dali retirando-se fes posada em o poço de hum rio que no dito mar se infunde, vertendo do monte Itapitanguy (Rio das Minas) onde em cuja ribeira que lhe servia de soalheiro foi morto, com bala despedida por um tiro de bacamarte, com industriosa çilada d'hum destro caçador chamado Pedro Tavares; este e os mais visinhos, que virão o dito monstro, o debuchavão na forma, seguinte: — Tinha o monstro (diziam elles) a cabeça e o corpo de touro e de comprimento de 13 péz e 9 de grossura; pesçoço levantado de tres palmos de comprimento e 5 de grosso; e circulado com huma ordem de glandulas encarnadas, e de dois palmos e meio de viseira e de palmo e meio de testa; e essa triumphada de crinas crespas e inclinadas sobre a moleira; suas orelhas erão escarlates, e de um palmo de alto imitantes aos do homem; no lugar dos cornos tinha hum levantado callo duro e negro como pimpolho, de cada hum corno que lhe havia de crescer; os olhos erão redondos com as meninas pretas, e a circumferencia encarnada; suas ventas abertas do tamnho de hum punho; boca rasgada; beiços grsscs e rubicundos; as queixadas com poucas barbas grossas e duras; huma ordem de dentes, e estes largos unidos e cortantes: lingua redonda; braços e pernas de tres palmos de comprido e pouco menos de largo; suas plantas crão de hum palmo de comprido e pouco menos de largo; seus cinco dedos erão de meio palmo de comprido; suas unhas erão negras grossas e quadradas; sua cauda sendo de tres palmos de comprido acabava em duas pontas abertas as quaes erão pelladas lizas e encarnadas; e membro genital — cum sit immodice longum: altamem genitale hominie simile — seu corpo era todo frizado de pello curto maço e acastanhado; o ecco do seu buzinar quasi imitando a bcrro de Boi, se ouvia por toda a vesinhança; do gordo de suas carnes dizião derreterão abundante e clarissimo azeite. Não deslustrando a estimada verdade desta historia mas antes para acreditar me lembra o seguinte conceito inda que poetico, e por isso não deste lugar:

*“Sic Protector parçit in lictoris
Phocas et possuit fluctibus in pisces”* (175).

Do anno de 1734.

Sae uma nova abundancia.

Já então era esta villa habitada de mais opulentos lavradores, de cujas fabricas, com a somma de muitos alqueires de farinha de mandiocas, repartida ou

Silva Faes mandou-o trabalhar nas obras das fortificações; algum tempo depois, em uma manhã foi o peregrino encontrado morto, com os joelhos em terra e as mãos levantadas para o céu”.

(174). — Esta *Memória* também foi publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

(175). — “Assim o Protetor espalhou no litoral as focas e colocou nos rios os peixes”.

vendida por reptidas embarcações, que para este ponto vinham carregar do dito genero, se ajudava a sustentar a cidade do Rio de Janeiro e as praças de Santos. Santa Catharina, do Rio Grande e da Colonia (176). Por esta causa se seguiram a estes moradores novas abundancias. Não havia entre elles ociosos; todos eram diligentes em suas culturas. Havia entre elles mais raizes, que ramos, isto é, havia mais dinheiro na caixa que enfeito na praça.

Eram elles nesse tempo regidos de justiça para o bem commum, não precisando obrar della para o particular, porque sem litigio se compensavam assim o pedido, como tambem pagavam o comprado.

Ecce tunicata quies (177).

Do anno de 1747.

Sae a queima do Cartorio desta Villa.

Nesse tempo era corregedor o dr. Antonio Pires da Silva e Mello de Porto Carreiro, natural das partes da Europa.

Este, em sua correição, sendo-lhe apresentado o cartorio contaminado dos bichinhos chamados — Cupim — e depois de espanado o dito cartorio, mandou publicamente consumir com fogo os volumes destruidos e envolvidos daquela immuncie.

Naquella queima, julgo, se consumiria tambem alguma lembrança que hoje se faz necessaria ao proposito desta descripção, porque sendo eu naquelle tempo rapaz, e rapinando daquelle incendio umas folhas de escriptura, em uma delas li a nota seguinte:

“Saibam quantos & como no anno & de 1579 nesta Villa de Maratayama, ...”.

Confuso eu com a novidade do sobredito appellido, e perguntando a seu mestre, homem antigo e natural da cidade de S. Paulo, de onde manava aquelle estranho nome? Este me satisfez com a seguinte declaração:

Disse que a dita escriptura não era feita nesta Villa, mas sim em outra primeira, a mais antiga, que como dito appellido estava situada da outra parte desta Villa, na ilha da costa do mar (178) na paragem ainda hoje chamada —Boa Vista, — e que de ali por melyor commodo de habitação visinhança e presteza dos materiaes, se mudou para esta parte, hoje chamada — Cananéa, — de cujo nome também ignorava a sua causa.

(176). — D. João V, por uma Resolução de 29 de abril de 1722 declarava que em virtude do que havia informado o Ouvidor Rafael Pires Pardinho, em 17 de junho de 1720, da “suma pobreza em que vivem os moradores das ultimas Villas desse Estado do Brazil, da parte do Sul, não só da sua muita preguiça mas tambem de não terem mais commercio que as pescarias, farinha de pau e alguas cordeiras do Embé, que tudo apenas fazem para permutarem com vestuarios que lhes vem, em Embarcações de Santos e do Rio de Janeiro, e que assim se offerciam representar-me que hé util permittir poderem ir cammerciar em suas embarcações a nova Colonia do Sacramento... Me pareceo dizer-vos que não só permitto possão ir commerciar á Nova Colonia do Sacramento, mas a todos os pontos do Brazil”.

(177). — “Eis ahi o descanso vestido de túnica ou toga”.

(178). — Ilha Comprida, também conhecida outrora por — Ilha Branca.

Os indícios da dita Villa primeira, na verdade eu por vezes os tenho visto (179).

Do anno de 1754.

Sae a admiração de uma rigorosa tempestade.

No dia 26 de Junho do dito anno, ao meio dia, turbandose o ar, se formou sobre esta povoação, um tão escuro e embastecido corpo de nuvens que a quarta parte daquele dia, repentinamente tomou logo a forma da primeira parte da noite.

Não faltaram os trovões com seus terribilissimos estrondos, nem os relampagos perdiam uns dos outros os rasgões dos seus fuzis, nem tardou o vento sul a soltar a tempestade dos seus sopros.

Derramou-se em toda aquella noite tal abundancia de continuada chuva ennovellada com grossas saraivas que themorisados todos do seu continuado estrondo julgavam outro universal diluvio.

Tanto sentiram os montes os açoutes desta nova tempestade, que amanheceram com partes cortadas da violencia do seu bater. Não menos sentidos ficaram os valles, que por muitos dias ficaram alagados.

Por causa desta quasi innundação, rebentaram de alguns montes novos regatos, que até hoje destilam agua.

Para crédito deste acontecimento, veja-se o mesmo outeiro desta Villa, em cujo cabeço se acha uma gruta cavada de agua daquelle tempo.

Do anno de 1761 (180).

Sae o principio da continuada constructora de embarcações.

Posto que já nos annos passados se fabricarão nesta Villa algumas pequenas embarcações, porém a verdadeira e continuada constructora dellas teve principio neste sobredito anno.

(179). — A queima do Cartório, como se vê do *Livro de Vereanças de Cananéia* de 1746-1762, existente no Arquivo do Estado, fôlhas 71 a 73, teve lugar no dia 9 de setembro de 1751.

(180). — A. Vieira dos Santos, que transcreve em seu interessante trabalho *Memória Histórica de Paranaguá*, alguns dos episódios das *Memórias de Cananéia*, referindo-se ao ano de 1761, diz:

"Sahe neste anno, por memoria, o principio de construções navaes em seus estaleiros e desde então se tem praticado effectivamente ao presente. Alexandre de Sousa Guimarães, natural da Europa e Capitão Mór da mesma Villa foi o primeiro constructor naval que veio do Rio de Janeiro levantar seu Estaleiro, onde fez a primeira Sumaca da qual foi dono o Sargento-mór Francisco Gago da Camara, natural da Ilha de S. Miguel.

Com este primeiro mestre de ribeira forão muitos os seus aprendizes. Cobiçosos de aprender o Officio, dando assim um modo de ganhar dinheiro a muitos individuos que vivião em desgraça com as suas famílias, senão aprendessem este Officio tão util e necessario ao commercio marítimo; aquelle primeiro mestre da ribeira troçe a ventura á ilha de Cananéia, por se ter construido desde então até o presente, talvez para mais de duzentas Embarcações, deixando por suas facturas e carregamentos muito cabedal naquelle paiz. Succedeo-lhe aquelle primeiro constructor, seo genro Joaquim Jozé da Costa, Sargento-mór que foi da mesma Villa na continuação de construções de vazos marítimos té o anno de 1810".

— Nota: Alexandre de Sousa Guimarães, que foi promovido a Capi-

O primeiro constructor da dita continuação foi e é até o presente o capitão da ordenança desta Villa Alexandre de Souza Guimarães, natural da Europa, o qual no dito anno se passoudo Rio de Janeiro para esta Villa, para a factura da primeira Sumaca do sargento mor Francisco Gago da Câmara, natural da ilha de São Miguel.

Do anno de 1767.

Sabe a reacção da Companhia de Auxiliares.

A esta Companhia deu principio o Sargento-mór Francisco José Monteiro, com seu ajudante Mel. da Cunha Gamito, naturaes de Europa e para direcção deste serviço foi mandado de S. Paulo para esta marinha pelo Capitão general acima, sendo por elle enviado para o dito serviço, tirou casaes desta villa para primeiros povoadores d'aquellas.

Porém por causa da pobreza dos mesmos, nenhuma convertencia de lugar, e por isso incapazes de sustentar Paroco, poucos annos prevalecerão (181).

Do anno de 1771.

Sae a criação de Paradas para o Real Serviço.

Neste anno se creou as paradas para o Serviço da Magestade, cujo serviço era obrigação; era confusamente de qualquer official de justiça que presente se achava, mandando este a qualquer inferior que se achasse na occasião.

Do anno de 1772.

Neste anno se creou um novo imposto de ciza, se tributando de 24 tostões por pipa de aguardente e de 2 tostões por alqueire de farinha, digo de sal, e desde então tem a denominação de adjutorio aos soldos do Sargento-Mór, ajudante de auxiliares desta comarca, sendo assim mandado e determinado pelo General desta Capitania.

tão-mor por Carta Patente de 14 de setembro de 1797, faleceu em Cananéia a 17 de dezembro de 1800. Era casado com d. Izabel de Novaes, deixando dois filhos, Alexandre e d. Anna Lourenço de Sousa, que se casou com o capitão Joaquim José da Costa.

Francisco Gago da Camara, casado com d. Magdalena de Freitas Henriques, natural de Iguape, foi Sargento-mor de Cananéia. Pertencia á familia "Gago da Camara", de origem açoriana e considerada das mais importantes do arquipélago, ligando-se pelo lado "Gago" com guerreiros da metrópole e da India, e pelo lado "Camara", com o descobridor da Madeira. Em 1600 imigrou para o Brasil um dos membros da familia de nome Pero Gago da Camara, que commandou a companhia do presidio do Rio de Janeiro e defendeu a cidade contra o ataque dos holandeses.

Francisco Gago da Camara imigrou dos Açores para Cananéia em meado do século XVIII, irmão mais novo do morgado e representante Luis Gago da Camara.

— O estaleiro do Capitão-mor Alexandre de Sousa Guimarães, era situado na parte setentrional do Morro de S. João, ao pé da Villa, no lugar chamado — Paixão".

(181). — A villa da Lage, também chamada — Villa Nova, ou da Conceição da Marinha, estava situada na Ilha Comprida, defronte de Subaúma e da lage existente no canal ou Mar Pequeno, entre Cananéia e Iguape. Teve pouca duração e hoje apenas resta o nome de Villa Nova.

Do anno de 1773.

Sae a recruta de uma leva de gente d'esta Villa para adjuntorio da despedição intitulada — do Tibagi.

O impulso desta despedição foi tão rigoroso, que ainda os mesmos Caens padeceram a sua violencia, porque se do nella elles comprehendidos forão levados presos, como para guarda e caçada d'quelle sertão (182).

Do anno de 1774.

Echos de tiros de peças de artilharia em Santos.

Às 2 horas da tarde do dia 22 de Fevereiro, quando de passeio pela margem do mar desta Villa, o Reverendo Mauricio Gouçalves Ramos, natural de Paranaçuá (183) e com este o licenciado João Rodrigues Per.a, natural desta Villa, affirmamrão elles etrem ouvido nessa occasião echos de artilheria em Santos, e que admirados duvidavão daquella praça, porem, tendo em atenção a serenidade athmosphérica, porisso acreditavão a possibilidade. Tomando indagações a respeito soberão serem salvas de artilheria, á chegada do Bispo Frey Manuel da Ressurreição, que havia chegado forasteiro naquella praça, vindo de Lisboa (184).

Do anno de 1776.

Sae a novidade de uma lista geral deste povo, feita por um novo methodo.

Era neste tempo Capitão-mór desta Villa, João Jorge Peniche, natural da villa de Peniche, o qual, por ordem que teve do General desta Capitania, fez uma lista geral deste povo, com novo methodo de classes, com distinctas idades, assingalada cada uma idade em cada uma sua classe, o qual até hoje se renova na entrada do anno.

Seu executor foi o licenciado João Rodrigues Pereira.

(182). — Do ano de 1769 a 1775, muitos foram os cananeenses que seguiram para o sertão, fazendo parte de diversas expedições, entre as quais as de Guarapuava e do Tibagi. Da bandeira comandada pelo Capitão de Auxiliars Francisco Nunes, que entrou com oitenta homens da Cananéia e Iguape, a 12 de agosto de 1769, fizeram parte muitos filhos de Cananéia entre os quais, Estêvão da Silveira, filho de João Domingues; João Miz de Crato, filho de Miguel de Crato; Jerônimo Costa, filho de Cosme Homem; Antônio Nardes, filho de Bernardo Nardes; João Vieira, filho de Antônio Luís; Salvador Colaço, filho de Cipriano Colaço, que faleceu em junho de 1770; Ignácio Teixeira, filho de Domingos Teixeira; Manuel de Araújo, filho de Pedro Martins; João do Amaral, filho de J. Amaral; José Henriques e Domingos Henriques, filhos de Aleixo Henriques e muitos outros. Essa bandeira foi organizada com gente de Cananéia e Iguape, pertencendo o seu Capitão à Ordenanças de Iguape. Por ocasião do seu falecimento no sertão, assumiu o comando o Alferes José Rodrigues da Silva, da mesma Companhia.

(183). — O padre Mauricio Gonçalves Ramos, que sucedeu ao padre João de Eirão, foi vigário de Cananéia de 1776 a 1798, tendo sido nomeado Capelão de um dos corpos que penetraram no Tibagi.

(184). — Frei Manuel da Ressurreição chegou a cidade de São Paulo a 19 de março de 1774, tendo falecido a 21 de outubro de 1789.

Do anno de 1777.

Sae a factura de uma recruta intitulada — a grande.

Esta recruta se appellido — a grande, — porque nella não houveram exenções algumas.

Esta d'aqui mandou para a Capital, cidade de S. Paulo, a encorporar-se com as tropas que então se apresentavão para a expedição do continente do Rio Grande.

Do anno de 1778.

Sae a apresentação de uma nova computação geral de possessão de todos os moradores, com distincão de cada um genero por cada possuidor.

Seu executor foi o mesmo licenciado João Rodrigues Pereira.

Do anno de 1780.

Sae a verdade de uma grande fartura e desprezo della.

Este foi o anno em que se augmentou tanto neste povo a fartura do nosso pão, e com tal excesso do costumado, que assimcontinuando em cada umdos seguintes annos, até o anno de 1785, começou a ser quase de todos desprezado, por inestivavel preço, que pela abundancia chegou a merecer.

Offerecido os lavradores o seu pão (farinha) e não havia quem o quizesse. Seu preço não era ensaiado pelo lavrador, mas sim taxado pelo comprador; por cada um alqueire não se prometia mais do que oito vintens e dous tostões.

Foi tal a fartura destes annos que occultou de todos lembrança alguma de fome futura.

Do anno de 1782.

Sae a multiplicação da constructura de embarcações.

Tendo já muitos dos naturaes desta Villa aprendido a construcção naval, começaram como de aporfia, a querer mostrar cada um a obra de sua industria.

Era então para admirar tantos estaleiros, levantados em diversas partes.

Não houve tempo perdido. Não lhes faltou patrono para fiança do intentado lucro.

Os mattos estão situados de successivos cortadores e serradores.

Affervorou-se a obra naval de tal sorte que houve anno de seis estalleiros.

E por causa de certas cifras deste tal negocio, ficou tão pobre que nella então se achava quase nada de ouro e só pouco de prata e cobre (185).

(185). — Benedito Calixto, referindo-se aos estaleiros de Cananéia, diz que existiam cinco, entre os quais "aquelle em que havia sido construida a Nau Cananéia" sendo: 1º na fralda do Morro de São João; 2º na margem do rio Taquary; 3º na ilha de Cananéia, á margem do mar Iririria; 4º, á margem de um rio fronteiro a esse lugar; 5º, na embocadura do Mar Pequeno, que vai para Iguape". Daniel Pedro Muller, em seu *Quadro Estatístico*, diz que no ano de 1836, ainda existiam em Cananéia dois estaleiros, empregando-se no trabalho de construcção naval 38 carpinteiros, 3 ferreiros e 20 calafates. A decadência da vila começou do principio do século XIX em diante, tendo sido a última embarcação lançada

Do anno de 1783.

Sae a admiração de uma obra da natureza.

Achando e nos mattos de minha feitoria uma palmeira vulgarmente chamada "Juçara", ou "Palmito", nella admirei uma obra da natureza, até aqui julgada não vista, e por isso não constada.

O próprio, igual de todas as palmeiras, é nascer e crescer, sendo cada uma unica em seu mastro, porque ainda que em um só tronco possam ser achadas duas palmeiras juntas por causa de união das duas castanhas unidas ao nascer, nem por isso se acham duas vergoentas em um só mastro, ou pimpolho do que o unico capitel de seu palmito, que serve de guia, ao crescimento de seu mastro.

E como assimcontra esta geral e costumada ordem da natureza achava-se em uma das ditas palmeiras, tendo-se esta em meio mastro dividido em duas com tal perfeição entre ambas, que se não podia dar primazia a nenhuma, por isso admirando fiz della noticia.

Do anno de 1784.

Sae a novidade de um fogo no cabeço do monte — Mandira (186).

O cabeço deste dito monte foi visto por tres dias successivos, lançar de si conhecido fumo mixto com lavaredas.

Causou admiração este novo e extranho acontecimento, porque ponderada a causa daquelle incendio, não se lhe podia attribuir motivo humano, por ser cabeço, que por ingreme e pedregoso, não tinha té então facilitado em si entrada para divertimento de Caçadas ou para extraição de algum mister neçessario ou de pesquizas mineralogicas.

Não se podia deixar de acreditar ser o dito incendio acontecimento do mesmo monte, quando de outros tambem se conta que de continuo vomitam fogo.

Fumavit Mandira semel mons vertice noster; noctes atque dies fumigat A Etna suo (187).

Do anno de 1786.

Sae a declaração do principio da fome.

Neste anno começou uma delgada fome como nascendo do ponto de uma grossa fartura. A mesma fartura estando já bem pejada da conjucção de um soberbo desprezo, produziu a humilde fome.

O festim para o seu concebimento, foi como um ensaiado baile de desprezo da nobreza do pão com exaltação da estimação dos páos.

Quizeram todos na carcarrilha, triumphar de páos e por isso perdendo todos o mesmo pão, tambem perderam do seu lucro o mesmo cobre.

ao mar, o veleiro "Conceição Feliz", de que fôra construtor e proprietário, José Gomes da Silva. Esse fato occorreu no ano de 1834. O referido hiate foi construído no estaleiro do "Japajá", na ilha do Cardoso, e pertenceu por algum tempo à praça de Cananéia, sendo depois vendido para Paranaguá, onde recebeu o nome de Flôr da Verdade".

(186). — O morro do Mandira, a oeste da cidade de Cananéia, e um dos últimos contrafortes da Serra do Itapitanguí, notável também pelo que aí occorreu no ano de 1795, como adiante se verá.

(187). — O nosso monte Mandira fumegou só uma vez; o Etna fumegou noites e dias no seu vértice.

Esse tal acontecimento, criminar não se pode a mesma vadiação, porque ella se defende, mostrando que foi effeito daquella variação de quazi todos terem largado de arar a terra para ó pão por lavar madira para navegação.

Do anno de 1787.

Sae a verdade do conhecimento e declaração da fome.

Neste anno declarou-se e conheceu-se a fome, porque na verdade já se procurava pão e não se achava.

Já se pedia mantimento aos lavradores, porem acontecia o mesmo que acontece quando se pede dinheiro ao que só na fama o possue.

Os mesmo lavradores então bem desejavam a possessão de suas antigas lavouras, mas ellas tinham ficado como desprezadas no esquecimento da sua cultura, já não podiam mostrar da sua fartura o seu antigo costume.

Posto que na verdade ainda então se mostravam as searas no campo como lacio na praça, abundante de galla e mesquinho na caixa extottada de prata; isto é, ainda havia ramas, porem, sem raizes, porque temendo-se a mesma fome, se renovarão novas seáras, e querendo-se antes da sua madeira, fructificação, tirando dellas socorro, se achavam ainda sem raizes; porem, como a fome espreitava, ella obrigou a muitos arrancarem das suas ramas as verdes raizes, destruindo assim a que havia de ser abundancia para o futuro, e des a sorte cuidando de sustentar ou fartar a fome, faziam mais carestia para ela.

Então as embarcações que procuravam negocio, já não achando a costumada carga de farinha, carregavam de cal das derretidas cascas de ostras.

Temporis exacti jam pinximus acta virorum ut mostri videant, atque videndo legant, Ipsique hand alter justis parendo tenetur temporis eventus scribere quisque sui. Servitii defectibus benignus parece (188).

ATTESTADO

João Francisco Lisboa, Juiz Ordinario e presidente da Camara e mais officias della abaixo assignado, que este presente anno servimos, por bem da Ordenação de S. M. Fidelissima, que Deus guarde, etc.

Attestamos que Luiz Antonio de Freitas, vereador desta camara, em cumprimento da Ordenação de S. Magestade, nos apresentou por sua escripta, casos memoraveis acontecidos nesta Villa de São João Baptista de Cananéa, desde sua criação té o presente, os quaes foram lidos e examinados na nossa presença, e os achamos certos e verdadeiros, segundo a antiga tradição de uns, e o nosso proprio conhecimento de outros.

E por certos e verdadeiros, os mandamos registrar neste livro destinado.

E para firmeza de tudo, mandamos escrever esta attestation, em que assignamos, — Cananéa, em camara de 31 de Dezembro de 1787. — E eu Miguel Lopes de Aguiar, escrivão da camara que escrevi. João Francisco Lisboa — Antonio Francisco Lisboa — Luiz Antonio de Freitas — Antonio Pestana.

*

(188). — Já pintamos (escrevendo) os atos dos varões do tempo passado, para que os nossos contemporâneos vejam e vendo, leiam. Assim, também, cada qual obedecendo as mesmas ordens, é obrigado a escrever os acontecimentos do seu tempo. Perdoa benigno, os defeitos do serviço.

Até aqui, como já fizemos ver em nota anterior, foram os factos occorridos rememorados — alguns pela tradição e outros pelo conhecimento próprio — porque, sendo ordenado por Sua Magestade o registro dos mesmos muitos anos depois da fundação da vila, teve a câmara de recorrer à tradição e a história, para conseguir o seu desideratum.

Isso, porém, não tira o valor que se deve dar a muitos desses acontecimentos que, na verdade são reais, confirmados como estão por documentos, como o que se refere à queima do cartório, cujo engano ou equívoco é apenas quanto á data em que teve lugar.

Do anno de 1789 em diante, é natural que fossem as occurrencias assinaladas com a devida precisão. Mais interessantes, por isso, são as descrições que se seguem, porque, dos fatos referidos, foram testemunhas os encarregados do competente registro no Livro de Memórias.

Do anno de 1789.

Sae para memoria um estrondoso tremor de terra nesta Villa, aos 9 de maio do sobredito anno (189).

Amanheceu o dia 9 de Maio, sendo por volvideira do ano, um dos sabbados do ano de 1789, e por curso da lua um dos dias em que ella fazia o ponto de sua conjuncção plenaria.

Neste dia quando a aurora já tinha desterrado as sombras da noite, se recolhia tambem a lua no seu accaso, indo assombrada e apanada do seu costumado luzir, que bem mostrava retirar-se eclipsada, padecendo seu defeito.

Depois de posta assim a lua, nasceu o sol mui claro e sem impedimento algum contrario ao seu costumado resplendor.

Não houve em todo aquele dia cousa alguma extranha para ser admirada, nem no mesmo sol nem nos elementos.

Tendo já o sol medido toda a carreira deste dia tão claro e sereno, e recolhendo-se no seu occidente, quando já também tornava a resurgir a lua, porem mui rubicunda, eis que repentinamente deu um estrondo subterraneo com movimento da terra, que durou o espaço de dous minutos, mais ou menos, rugindo a imitação de uma perra couceira em sua revolução.

Foi conhecida esta estranha novidade, que no seu movimento uns pasmavam, outros correram sahindo das casas, e outros se prostraram clamando a misericórdia de Deus.

E ainda que nenhuma casa se demoliu, contudo, todas ellas umas mais que as outras, deram em si sinal de sentimento daquelle nunca experimentado impulso, segundo a testificação dos seus moradores (190).

(189). — Esse fato reproduziu-se ainda por algumas vèzes, como a 10 de abril de 1889, a 5 de agosto de 1919, 14 de agosto de 1922 e, finalmente, no dia 18 de julho de 1946.

Em 1889 como em 1919 e 1922, repetiu-se o fenômeno com o aparecimento de fogo no cimo dos morros que fazem parte da mesma cordilheira, como os Pindaúva e do Rio Branco.

(190). — Também o Padre Simão de Vasconcelos, em sua *Crônica* relata que houve um temporal em Cananéia, como "chuvas, raios, ventos e trovões e tremor de terra horrível, que parecia desfazer-se a machina do universo todo".

Alguns, dignos de credito, certificaram que a terra lhes pareceu se queria fundir, e outros contaram que se não puderam ter firmes em seus pés e que sentiram a terra movedissa.

Neste abalo ouviu-se um successo que levantou dos mattos, sendo esse tanguido do movimento que as mesmas arvores entre si fizeram.

As aves, que já pousadas estavam no principio do seu descanso, espavoridas se levantaram ao ar, com o écho de suas grasnaduras, dando advertencia de seu sentimento.

Os gados se mostraram espantados e alguns deram mugidos.

Os cães como sentidos, soltaram tristes e desconhecidos uivos.

Não ficou o mar sem mostrar signal de padecimento, porque naquelle repente, sem sopro de vento algum, o pequeno e pacifico mar que corre em circulo desta Villa, ondeou ondas que se admiraram, certas pelo seu bater nas praias, quando então pela serenidade do ar assim se não esperava.

Também os peixes mostraram o quanto extranharam este dito impulso, porque então alvorotados foram vistos surgir, saltando salto a salto.

Advertiu-se tambem, que no crepusculo daquella mesma noite mostrou-se o ar como assombrado de uma imperceptivel fumaça, porem logo depois clareando fez-se noite serena e nella resplandeceu a lua com sua costumada claridade.

Tambem houveram pessoas, entre ellas algumas de boa fé, que disseram que na segunda noite depois deste acontecimento, estando ella clara e serena, viram do polo Arctico correr uma grande e acesa exalação, e que tendo ella subido ao meridional, e declinando para o Antartico viram dividir-se em duas, da mesma grandeza e claridade, ambas como quando principava sendo uma, e que quasi mettidas no mesmo Antartico se extinguiram.

E não houve mais nada digno de nota.

Do anno de 1790.

Nada houve a descrever.

Do anno de 1794.

Antonio Bonifacio da Silva, Governador da Republica, nesta villa de Cananéa e em todo seu termo Juiz Ordinario e Presidente da Camara e os officiaes, que servimos este presente anno, por bem da ordenação de S. M. Fidelissima que Deos Guarde & attestamos qu Antonio da Silva Ramos, vereador segundo, nos apresentou este livro, dizendo que neste anno não houve novidade que dependesse descrever neste livro, pelo que mandamos entregar este livro a Manoel Martins de Araujo, vereador segundo para no proximo anno de 1795 nelle descrever todas as novidades e casos que nesta villa aconteceram e por firmeza mandamos passar esta certidão em que assignamos com o dito vereador e eu Joaquim Rodrigues dos Santos, escrivão da Camara o escrevi. Silva Olivra. — Mattos — Ramos — Callado. Visto em correição Braco.

Do anno de 1795.

Neste anno de 1795 sae para memoria um diluvio acontecido quasi nesta villa de Cananéa no dia 25 de Março deste anno com a declaração de suas antecedencias consequencias e subsequencias.

Para mais clara explanação de um tremendo dilúvio, espantoso parto acontecido de um terrível temporal, considerado castigo sobre esta povoação de Cananéa, sendo determinado pela Omnipotencia Divina, primeiramente se faz preciso declarar suas antecedencias.

— Sol quente —

No dia 19 de Dezembro do anno de 1794 resplandeceu o sol tão inflamado e com tão ardente calor todo aquelle dia e o seguinte, não só manchou em no-doas queimadas as culturas, e asou os verdes legumes, mas tambem tostou muitas e diferentes arvores dos matos, e por entre meio d'ellas queimou aos matinhos, cobertura da mesma terra.

Nestes dias não faltou o Setentrião, cujo sopro não foi então para estender mais o seu ardor; este acontecimento foi tão extranhado, julgado como nunca experimentado, e bem já devia ser chorado, porem como julgado acontecimento logo se entregou ao costumado esquecimento.

Dias erão já de janeiro do anno 1795, quando sucederão umas tão abundantes e derramadas chuvas, que ainda que com as suas aguas não exercerão as costumadas enchentes, comtudo cauzarão admiração pelo dezuzado modo do seu chover; esta chuva continuou com alteração de intermetidos dias serenos, ainda que n'elles nem o sol, nem as estrellas luzião ao seu costume, porque o ar estava continuamente embaçado e fusco, porem não se ouvia trovão nem se via raio algum, só se vião relampagos escuros. Deste modo choveu em todo o Janeiro e em todo Fevereiro até aos 19 de Março. Neste dia, que é dedicado ao glorioso S. José, e que por contagem do mesmo anno acontecia ao vocabulo de quinta-feira, ja se considerava o fim de destemperança d'este tão rigoroso e dilatado temporal, porque n'elle até o seu meio-dia se derramou tão abundante chuva, que quando parecia já alagar a terra, então de repente se suspendeu, dando a esperança do dezejado tempo bom.

Assim se julgou, porque logo desapareceram aquelas escuricidas e chuvosas nuvens; serenou-se o ar e apparecerão os horizontes, o sol e as estrellas, se mostrarão com o seu costumado luzir; esta serenidade perseverou somente desde meio-dia do dia 19 até ao meio-dia do dia de domingo, 22 do mez de Março.

Dia dia 20, sexta-feira da mesma semana, aconteceu, que D. Anna Maria de Jesus, mulher solteira, de idade de 48 annos, natural d'esta vila, de honrada geração, ehonesta vida, mais inclinada ao espirital que ao corporal, recorrendo de manhan ao seu oratorio, ne'lle achou sua imagem de Christo com os braços respregados da cruz, com a cabeça de costas sobre o Calvario, e com a face da parte de cima sem ofensa alguma da sua forma: admirando este prodigio, convocou pessoas dignas de credito, as quaes juntamente com ella assim affirmarão.

No restante d'aquelle domingo 22, se vio o contrario da esperança desejada, porque de repente turbando-se o ar com escurissima serração, começou logo a chover, primeiramente mais miudinha chuva, e augmentado-se mais e mais, assim choveu, continuando em toda aquella seguinte noite, e em todos o seguinte dous dias, e em suas noites, até ao meio-dia do dia quarta-feira 25, dia da annunciação da Virgem Maria, nossa senhora.

Esta tempestade foi mais violenta e tangida por ventos circulares, e chuva descommedida.

Nada mais se ouviu e se vio alem deste medonho sussurro, entrecortado por continuos estrondos e no meio deste horroroso espetaculo se ouvião outros estrondos maiores no ar como arrastados, os quaes se julgou serem fortes trovões.

Porem depois vendo-se as ruínas nos montes vizinhos, se interpretou serem echos produzidos por pedaços de montes, que rodavão despenhando-se de seus cumes.

Aquelle continuado estrondo, aquella abundante chuva os bolhões d'agua, que já da terra fervião, e a mesma terra já quazi toda alagada, atemorizarão os animos de tal modo, que uns gritavão pela misericórdia de Deus, outros pas-mavão, e todos já dizião que era chegada a ocazião de padecer a influencia de certo diluvio.

Na consideração de tão triste aflição, correu o povo para o templo onde, depois de ouvida a missa parochial, preceito d'aquelle santissimo dia, assitio com derramadas lagrimas ás depredações que se fizerão estando presente o Santissimo Sacramento, as quaes se repetirão com mais fervor nos dous dias seguintes.

Não faltou o socorro da Mãe de Deus, cujo favor se julgou ser recebido, porque logo ao meio-dia d'aquelle seu mesmo dia cessou o temporal.

Nos montes vizinhos quiz Deus mostrar o castigo, que estava deliberado para esta villa a respeito dos seus habitadores, porque à vista do mesmo povo destinou para sinal de lembranças as destruições que fez esta tempestade, naquellas alturas. Para se conhecer o perigo d'este successo e certificar-se o milagre e favor recebido, é necessario declarar a situação da mesma villa. Esta villa está situada em um ilha, sua frente olha para o oriente, seu fundo á da parte do ocidente, o lado direito é só metido ao sul, e o esquerdo ao norte; além do mar da sua frente está outra ilha de terra baixa, que a defende das ondas do mar grande, e além do estreito mar, que corre por detrás da villa, está em distancia de meia legua, estendida a terra firme, a qual é toda montuosa, e tem altos montes sobranceiros a esta vizinhança. Esta terra firme em todo o rumo de oeste, sudoeste e sul em distancia de seis leguas, ficou quazi açoutada da violencia d'esta tempestade: tão grandes enchentes da chuva tangidas de rigorozissimos ventos se derramarão sobre aquelles montes, que derreteu-se toda a terra superficial de muitos montes, e rodou com as mesmas aguas, despenhando juntamente consigo novelos de arrancadas arvores e pedras.

Muitos montes ficarão completamente despídos se mostrando só de pedras. Outros ficarão como se sobre suas superficies se tivessem abertos estradas.

Formarão as terras, e arvores, entancamentos que deu lugar a vastos lameirões que não permitem passagem. E outros montões ficaram sobre a terra baixa, onde são e serão memorias desde triste acontecimento.

O grande e altissimo monte de Taquary que fica a rumo de sudoeste é um vistoso espelho das maiores ruínas que aconteceram nos montes menores, porque nelle como mais avantajado em altura, de longe se vêm as mesmas ruínas.

Muitas margens, que pela natureza erão cobertas de matos e arvores que servião de caçadas, hoje n'ellas se admirão largas e estendidas praias de saibro, que sobre ellas vomitarão os montes do interior das suas formações, as quaes praias, se estivessem mais vizinhas do povo, causarião n'este tempo mais tristeza, e no futuro servirão para passeios de divertimentos.

Muitos matos a margens dos rios seccarão devido a soterramentos pelo barro arrastado pelas aguas. Alguns rios entulhados derão lugar a que suas aguas alagassem, formando lagoas de margens arenosas, das areias conduzidas pela enchente.

Em alguns magotes de matos, que supportando por mais seguros no solo o furor das aguas, se medio pelo signal deixado (mesmo nos montes) a altura de algums 2 covados e em outros, 3 4, e 5 covados.

Nas margens do Rio intitulado das Minas, que corre do rumo de sudoeste, ficarão soterradas as lavouras da nova situação do Cap. Mór Leandro de Freitas Sobral; seus escravos estarão subindo o morro fronteiro, chamado da Serraria; a felicidade d'estes escravos foi admiravel, porque despenharão-se as ladeiras do mesmo monte, e ficou n'elle uma pequena ilha, no lugar onde estavam acautelados.

Proximo a este lugar onde morava uma viuva os seus moradores escaparão no mesmo lugar onde os escravos já dito. Na margem opposta, tinha uma nova situação, o Capitão ajudante de auxiliares João Carneiro Soares. Suas lavouras se perderão do mesmo modo. Seus escravos, prevendo a inundação se auzentarão para a fazenda pedras, barro e montões de páos. No rio Mandira em cujas margens estava a fazenda do Sargento-mor de ordenança Manoel Jozé de Jesus, (estava a fazenda do S) digo, a enxurrada foi de maior altura, attingindo a 14 covados ou 42 palmos, o barro diluido e lançado por este rio atingio o comprimento de cinco leguas e largura de meio quarto de legua de seu ar oriental, cobrindo as praias com nova camada de lama; foram destruidas as casas e coberto o sollo pelo saibro, deixando por isso apeñas o nome da fazenda sepultada.

Os escravos a principio se acautelarão no sobrado e vendo ella se alagava, embarcarão em canoas e navegarão ao correr das aguas escapando pro ser dia.

Dois deste Escravos que ficarão em casa ao desamparo, porque tinham perdido a occasião das canoas, escaparão montados sobre madeiras vindo a encalhar na praia do mar, distante da fazenda 1/2 quarto de legua porem cançados e quasi a morrer devido por causa das difficuldades que tiveram em lutar neste resolvido meio de transportes.

O dono da fazenda não presenciou este successo, porque se achava ausente na Villa tratando de uma demanda, cuja justiça não lhe pertencia. Não faltou quem o sensurace e adverticé de sua impertinencia e do prejuizo que pretendia dar ao seu adversario.

Sua resposta a estas justas advertencias erão sempre esta: "Não eide vender as fivellas dos sapatos; e ainda que eu viva concoenta anos, não hei de acabar de comer o meu dinheiro e tenho em um sacco 20 mil arcruzados, para demandar o meu negocio".

A arrogancia com que proferia estas orgulhosas palavras filhas da soberba, foi attribuida a destruição da sua fazenda (191).

Neste successo, vem á memoria as abelhas de S. Pedro, que todas soffrerão a morte, só pela ferroada de uma .

Assim mostrou Deus este castigo com tanta misericordia, que não permitio que n'elle morresse racional, quando no mesmo diluvio se afogarão não só os animaes de criações d'aquelas fazendas e situações, mas tambem morrerão os animaes do mato quasi de todos os generos.

Os montes sobranceiros ao rio da mesma fazenda, ficarão todos escalvados e as suas margens ficarão todas cobertas de Pedras, saibro do rio até finarem suas

(191). — Manuel José de Jesus foi nomeado Sargento-mor das Ordenanças de Cananéia por Carta Patente de 20 de abril de 1780. Faleceu no ano de 1796.

vertentes. No rio Embiacica, que é visinho do Mandira, se perdeu toda a lavoura de uma viuva, ficando enterrada em baixo de pedras, barro e páus.

Não morreu alguém desta familia, porque se haviam acautelado na ilha da Villa.

São testemunhas attestando as ruinas em si, o grande monte Itapitanguy, Japaguarihú, Assunguy, que distam da villa uma legua e assim mais outros muitos outeiros que são da mesma cordilheira e estão á vista, na sahida da barra, ao rumo de sul, sobranceiros ao mar interior, que córre circulando o lado direito da villa, (bahia de Trapandé).

O citio do Capitão da ordenança Antonio Gonçalves da Silva, situado a margem do monte Japaguarihú, ficou assombrado de um monte de material que quazi sobre elle cahiu como esborifou da ladeira que por um lado do monte correo até a margem.

Os moradores do meio circulo da villa do lado direito desta sofrerão poucas ruinas nas lavouras, uns por causa de alagação e outros pela borradura dos barros derretidos que correrão dos montes.

Morrerão as criações e animaes selvagens de todos generos. No entanto não morreu pessoa alguma.

Os peixes dos rios morrerão afogados nas aguas barrentas. Tambem morrerão varios peixes do mar, talvez pelo mesmo motivo ou pela quantidade de folhas que nadavão sobre as ondas.

Esta enxente tão prejudicial a uns, foi favoravel a outros porque os constructores não tiverão mais o trabalho de ir ao matto cortar madeira porque as praias estão cheias de precioso material.

Vi e tendo visto, lamentei; e lamentando escrevi:

....*Sic fert omnis mundis sic fert omnia tempus* (192).

*

Na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, volume 45, onde se encontra uma resenha desta memória, lê-se em sua parte final o seguinte:

“... tudo assim aconteceu, o que tudo entre os homens é digno de memória para lembrança do poder de Deus; porém os mesmos homens, julgando tudo acontecimento, põe tudo em costumado esquecimento, dizendo: “São sucessos do mundo, são movimentos do tempo”.

Após essa memória, a que o povo deu o nome de Dilúvio de Mandira, vem exarado o seguinte atestado:

Antonio Francisco Lisbôa, Juiz Ordinario e presidente do Senado da Camara e mais officiaes desta, que estamos servindo este presente anno nesta Villa de Cananéa por bem da lei de S. M. Fidelissima que Deus Guarde &&.

Attestamos e certificamos que Manoel de Araujo, vereador 2º desta Camara nos apresentou este livro com as novidades e acontecimentos que nesta Villa de Cananéa succedeu no anno de 1795, o que sendo por nos examinados achamos

(192). — Desta maneira vem tudo ac mundo; assim o tempo tudo nos traz.

verdadeiro, pois tudo assim aconteceu. E por firmeza de tudo mandamos escrever esta attestação em que assignamos.

E entregamos este ao vereador 2º que servir este anno preterito fucturo para nelle descrever os casos e acontecimentos que succederem.

Camara 2 de Dezembro de 1795, eu Jm. Rodrigues dos Santos, escrivão da Camara o escrevi. Lisbôa, Pizarro, Araujo, assumção, Veita.

Visto em correição em 1795 — Branco.

*

Mar meridional, a que se refere a notícia, é baía de Trapandé. Onde, segundo a tradição, mais se avolumaram as águas, foi no mar do Cubatão, também conhecido por Mar de Itapitangui.

De pessoas antigas, naturais da então vila de Cananéia, algumas das quais nascidas por aquella ocasião, por várias vèzes ouvimos a narração dos mesmos fatos, cuja notícia lhes haviam sido transmitidas por testemunhas oculares.

Afirmavam todos elas que, na verdade, após longo periodo de chuvas constantes e copiosas, foi-se produzindo ,como era natural, a enchente dos rios, principalmente do Mandira.

A grande leva de madeiras, árvores e troncos, foi produzir não muito longe do Salto do Mandira, a barragem do curso do rio, cujas águas ficaram açudadas ou represadas, alagando as margens e vales próximos.

Assim, continuando o temporal, e em dado momento arreben-tando o açúde, lançaram-se as aguas violentamente rio abaixo ,tudo arrastando em sua passagem vertiginosa; casas, ranchos, canoas, ani-mais, benfeitorias, além de grande quantidade de madeiras. Esse fato, como diz Azevedo Marques, assumiu as proporções de um verdadeiro cataclismo.

Segundo a opinião de antigos moradores da vila, as madeiras e árvores acumuladas no mar do Cubatão eram em tal quantidade que por sôbre elas se passava de um lado para o outro, sem ser preciso o auxilio de canoas.

Há poucos anos ainda, existia defronte da barra do rio das Minas é conhecido por Beacica, naquele municipio.

Do anno de 1796.

Traz apenas a seguinte anotação: "Não houve novidade". Contem um atestado e o "visto do Corregedor Branco".

Do anno de 1798.

Aos 28 dias do mez de junho chegou a esta Villa o Exmo. Snr. Dr. Dm. Mateus de Abreu Pereira, Bispo desta Diocese; ha talvez mais de um seculo que não tinha vindo bispo a esta villa.

Do anno de 1799.

Não houve novidade.

Do anno de 1800.

Nada houve.

Do anno de 1801.

Não houve novidade.

Do anno de 1802.

Não houve novidade.

Do anno de 1803.

Não houve novidade.

Do anno de 1804.

Este ano proximo passado julgamos ser um anno muito infelix, segundo o que tem acontecido.

1º — Veio aqui um navio de 3 mastros e ao sahir a barra deo uma tormenta que fez ir á garra no morro do Cardoso (193).

2º — Veio do Rio de Janeiro uma Lancha com Carregamento de Carne seca etc. e se perdeo quase dentro da barra.

3º — Cousa nunca acontecida: houve neste anno tantas testemunhas que deo causa a ficarem criminosos na Correição do nosso ministro.

4º — Uma Sumaca procedente de Iguape, carregada de arroz se perdeo ao sahir a barra.

NOTA: Com referênciã aos anos de 1806 até 1811, nenhuma novidade houve, trazendo apenas a anotação costumada: — “Não houve novidade”, — e mais a frase: — “Sem novidade até o anno de 1828, que é seu fim por mais nada se ter escrito”.

*

Dessa maneira ficavam encerradas as interessantes *Memórias* da Câmara da Vila de São João Batista de Cananéia, com o registro das principais novidades ali ocorridas desde os seus princípios.

Apesar da fantasia com que alguns fatos são aí narrados, nem por isso devemos desmerecer o seu valor, como elemento básico e imprescindível para a história daquela antiga povoação da marinha.

* * *

CAPÍTULO XXXV.

NOTAS AVULSAS.

O anno de 1801 caracterizou-se pela pobreza da vila e necessidades decorrentes da falta de recursos de seus habitantes. Era tal-
(193). — Há poucos anos ainda eram vistos os restos do seu cavername, das proximidades do morro das Almas.

vez um dos efeitos da *declaração da fome*, de que nos falavam as *Memórias*.

Assim, várias providências foram tomadas pelos Officiaes da Câmara, a fim de auxiliar a população, como se vê do documento seguinte:

“Aos treze dias do mez de Junho de mil oito Sentos e hum Anno, nesta Villa de Cananéa, de São João Baptista de Cananéa, e no passo do Conselho de onde forão vindos e Juntos os officiaes deste Senado e o Juiz Presidente o Sargento-mór Joaquim José da Costa, para effeito de fazerem suas vereansas na forma da lei, forão Servidos os homens Republicanos para efeyto de Sematar os peyxes taynhas que entrão nos Rios neste Tempo, porque entrão e não se matava e sahião e não aproveitava e ficava o povo peressendo tal nescedade, aonde vierão os velhos Republicanos e convierão que semataçe peyxes Como Antigamente os quays forão Manoel Pinto de Faria, José Francisco Silva — e Ajudante José Lourenço Pontes — os quays — o Capitão Antonio Gonsalves da Silva — Antonio Lourenço Lisboa — Bento José Pereira de Mello — Bento da Costa Oliveyra — José Nunes de Freytas — Alferes Joaquim da Silva Ramos e não houve mais requerimento algum de partes e deytarão seu Edital, para aviso ao povo sobre a matansa dos peyxes e passarão hum mandado para as divisas das bocas dos Rios não lansearem e derão a dita vereança por finda e acabada para Constar fiz este termo de vereança que asSgnarão. Eu Rafael Joaquim do Espirito Santo Escrivão da Camera que o EsCrevy (194).

*

Em 17 de outubro de 1804, o Capitão-General Antônio José de Franca e Horta, ordenava à Câmara Municipal de Cananéia para que, durante o tempo quaresmal, isto é, da 1.^a dominga da setuagésima em diante, não se desse passaporte a homem algum que saísse barra a fora,

“para a viagem dilatada, sem primeiro lhe constar haver cumprido o preceito quaresmal: assim como que faça despejar da villa os musicos que mal se comportam e mui principalmente para com a pessoa do Senhor Vigario”.

*

* * *

O dia 15 de julho de 1821, assinalava-se por uma festa cívica. Reunia-se a Câmara em sessão solene, para “juramento às bases

(194). — Rafael Joaquim do Espirito Santos, foi nomeado pelo Governador e Capitão General da Capitania Dr. Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça por Provisão de 16 de novembro de 1802, para o officio de Tabelião.

da Constituição decretadas pelas Côrtes Gerais extraordinária e Constituintes de Lisboa”, como consta o documento seguinte:

“José Joaquim de ASSumpção e Souza Escrivão da Camara nesta villa de Cananéa com Provisão, &

Certifico que revendo o Livro actual de Vereanças da Camara nelle a folhas quarenta e nove the verço, Se axa o termo de Vereança em o qual se prestou Juramento de obediencia ao Governo Provisorio desta Provincia, cujo theor hé o Seguinte: — Termo de Vereança Geral e extraordinaria da Camara, feita em observancia ás ordens do Governo Provisorio desta Provincia. — Aos quinze do mez de Julho de mil oito centos e vinte e hum anno nesta villa de Cananéa Comarca de Paranaoá e Coritiba, em cazas da Camara e passos do Conselho della, onde forão vindos Manoel Ribeiro Callado, Juiz ordinario Prezidente e Seu companheiro Fabricio xisto de Souza, com os mais officiais actuais della, e o Procurador, e aSistindo o Povo e a Tropa pellos quais forão convocadas para se proseder a formação de prestarmos obediencia ao governo Provisorio desta Provincia, e para as bazes da Constituição decretadas pellas cortes de Lisbôa, e observar religiosamente ás leis que garantem a Segurança individual, a propiedade e Direito dos Cidadôens, Jurarem outroSim a obediencia ao Muito Alto e Poderozo Senhor Dom João 6º Nosso REy Constitucional do Reino unido de Portugal Brazil e Algarves e á Sua Alteza Real o Principe Ereditario Regente do Reino do Brazil, e a Real Dinastia da Serenissima Caza de Bragança, tudo na conformidade do que Sua Alteza Real Praticou de proximo na Corte do Rio de Janeiro e mandou praticar em todo o Reino do Brazil.

E neste ajuntamento e vereação forão pello Povo e Tropa que Seaxavão reunidos e postados no largo deste Paços do Conselho, por elles forão ditos Juravão todos em geral, Juravão as Bazes da Constituição Decretadas pellas Cortes Geraes extraordinarias e Constituintes de Lisboa, Juravão obediencia à Sua Magestade o Senhor Dom João 6º REy Constitucional do Reino unido de Portugal, Brazil e Algarves. Juraram outro Sim de viverem pella exacta e prompta execução das Leis existentes e de promover todo o bem particular e da Nação em geral e obediencia ao Governo Provisorio desta provincia aSim Deus nos Salve. E depois de feito este auto de vereação, para constar mandarão Lavrar este termo em que a Camara e todas as Authoridades, Povo e Tropa aSignarão; eu José Joaquim da ASSumpção e Souza Asignei, digo, e Souza Escrivão da Camara o Escrevy

— Manoel Ribeiro Callada, Fabricio Xisto de Souza — José Camillo Pestana — João Francisco Lisbôa — Joaquim Gomes Mendes — Vicente Rodrigues de Carvalho — Alexandre de Souza Guimaraens — João Jacinto Peniche — Joaquim José da Costa — Fidencio Nolasco — Antonio Gonçalves da Silva — Bento Gomes Sobral — Gregorio Gomes Mendes — Francisco Floriano de Camargos — Joaquim Antonio Nobrega — Antonio de Aquino Pereira — An-

tonio Lourenço do Prado — Joaquim da Silva Ramos — José Dias Pereira — Thomas Antonio de Aquino — João Carneiro Soares — José Joaquim da ASSumpção e Souza — Nada mais Se continha em o dito termo de vereação e Juramento prestado ao qual eu Escrivão da Camara que bem e fielmente extrahi todo deverbo adverbium, na forma, que Se contem no Livro de vereanças ao qual me reporto e vai em tudo certo Sem coiza que faça duvida, por que, depois de extrahido foi conferido e aSignado, em cumprimento das ordens nesta villa de Cananéa aos dezeseite dias do mes de julho do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e vinte e hum e eu José Joaquim da ASSumpção e Souza Escrivão da Camara o escrevy confery e aSigney.

José Joaquim da ASS.m e Sz.a

*

Em janeiro do ano de 1824,

“era constituído em Cananéa, a João Ignacio da Silveira Guimarães, a Irmandade da Santa Casa de Misericordia da Imperial cidade de S. Paulo, para o fim de recolher alli as esmolos com que os fieis quizerem Concorrer para Tão santo fim; e particularmente o recommenda ao Zelo, Caridade e Religião do Reverendo senhor Vigario da dita Villa a quem pede que Concorra e ajude ao referido esmolar em as diligencias que para isso fizer, devendo gozar por este emprego do privilegio de ser dispensado de todo serviço militar e servir na conformidade da Imperial ordem de vinte de Abril do anno proximo passado”.

Esta ordem vem assinada pelo escrivão Bernardo José Pinto Gavião Peixoto e pelo Provedor Lucas Antônio Monteiro de Barros.

*

Do registro de um officio do ano de 1822, consta a criação do serviço postal entre as Vilas de Santos e Paranaguá,

“passando por Itanhaem, Iguape e Cananéa”.

Tal serviço foi ordenado em data de 17 de julho do referido ano,

“vencendo os estafetas entre Paranaguá e Santos 240 réis por dia, sendo elles em numero de quatro (dois em Paranaguá e dois em Santos).

Para essas viagens,

“sahia um e ficava outro de reserva para serviços urgentes, em seguimento, revegando-se depois”.

Os correios partiam de Santos nos dias 15 e 30 de cada mez e vice-versa trocando as malas em Iguape, nos dias 7 ou 21, voltando immediatamente cada um com a mala que receber, para a Villa de onde tiver partido”.

Translado das avaliações dos direitos novos e meas anatas registrados na fazenda Real de Capitánias, na Câmara de São Vicente, com o título seguinte, no ano de 1692:

VILLA DE SÃO JOÃO DE CANANÉA

— Juizes ordinarios que servem de orphãos e inquiridor cada um tem de emolumentos seis mil reis cada anno.

— Escrivão da Camara, orphãos, almotaçaria e tabelião judicial e notas que deve ser huma só pessoa, tem de emolumentos seis mil reis.

— Alcaide e carcereiro que serve uma só pessoa tem de ordenado da Camara — quatro mil reis.

*

Estivesse ainda em vigor a Provisão Régia de D. Maria I de 20 de julho de 1782, que obrigava as Câmaras ao registro dos fatos “mais notáveis e dignos da História” occorridos em suas circunscrições durante o ano, e não teria passado desaperecebido o extraordinário acontecimento de que foram testemunhas as autoridades e grande parte da população de Cananéia, occorrido no dia 11 de dezembro de 1920, com o aparecimento de incalculável número de peixes mortos, nas praias de fora das ilhas Comprida e do Cardoso.

Esse fato foi noticiado apenas pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em telegrama que lhe fôra transmitido pelo seu correspondente.

Assim foi, que, naquele dia, tendo alguns pescadores deitado ao mar próximo à ressaca, uma dessas grandes rêdes a que denominam — caçoeiros — por serem próprias para a pesca de cações, notaram que próximo à canoa em que se achavam, numerosos peixes pequenos começaram a surgir à tona d’água, e, como que asfixiados, morriam instantâneamente. Num rápido momento, porém, tôda a linha da costa, tanto para o norte como para o sul, tomou o aspecto de um vasto lençol prateado, dada a profusão de peixes que se debatiam à flor das águas! Tomados de indisível pânico, recolheram as rêdes e retirando-se apressadamente, foram levar a notícia ao conhecimento das autoridades que, no dia seguinte, enfim constatarem o que havia de verdade, dirigiram-se à praia, acompanhadas de numerosas pessoas.

Nessa ocasião, arrastados pela maré de enchentes, uma infinidade de peixes mortos flutuava ao sabor das águas pelos mares interiores, com espanto de todos que viajavam pelas baías e canais. O

fenômeno que tivera lugar pelas 11 horas da manhã, com a duração apenas de alguns segundos.

Da visita que com outras pessoas fizemos então às praias, ficamos todos verdadeiramente impressionados, diante da quantidade de peixes sacrificados e da variedade das espécies constatadas, algumas das quais desconhecidas no lugar.

Seria impossível calcular-se a extensão do fenômeno que assumira proporções de uma grande catástrofe.

Para isso, era bastante afirmar-se que na extensão de mais de oito léguas, ou melhor, desde o pontal de Ararapira, na ilha do Cardoso, extremo sul do litoral paulista — até alcançar mais de metade da Praia de Fora na Ilha Comprida, encontravam-se duas linhas de peixes mortos, calculando-se cada uma delas em dois metros de largura, mais ou menos, sendo que, na área compreendida por um metro quadrado, contavam-se para mais de cem ou cerca de duzentos exemplares diferentes.

Abertos alguns dêles, verificou-se apenas muito pouco sangue e o mau estado da carne, que parecia deteriorada.

Qual a causa de semelhante fenômeno jamais pôde ser conhecida, presumindo-se tivesse origem em uma erupção qualquer, acompanhando a linha das praias, mesmo porque, da enorme quantidade de peixes sacrificados, muitos poucos pertenciam aquêles que ordinariamente habitam o mar largo e não as proximidades da praia.

E' preciso notar-se que, por mais de uma vez, de longos anos a esta parte, do fundo do mar, nas imediações da barra de Cananéia, têm surgido uma espécie de xisto betuminoso, o que dá a entender ter sido essa ou outra semelhante a causa do fenômeno em aprêço.

(*Continua*)